



Workshop “O Futuro da Europa na Era Digital” CONCLUSÕES

24 de maio de 2021

*A APDSI, através do seu Grupo de Missão “Futuros da Sociedade da Informação”, dinamizou e promoveu o **Workshop “O Futuro da Europa na Era Digital”** a 18 de maio.*

*Este encontro online juntou as intervenções iniciais de **Maria Helena Monteiro**, Presidente da Direção da APDSI, de **Francisco Tomé**, Coordenador do grupo de Missão “Futuros da Sociedade da Informação”, de **Victor Ângelo**, Ex-Secretário Geral Adjunto da ONU, e de **Frederico Sousa Pimentel**, Secretário Geral da JEUNE (Organização de Jovens Empresários da União Europeia).*

No workshop, os participantes foram divididos em três grupos de trabalho, sendo que todos eles pertencem a instituições públicas e à sociedade civil.

*Na sala 1 foi debatido o **Futuro Político e Estratégico**; na sala 2 a **Futuro da Tecnologia e Ciência**; e na sala 3 as questões andaram à volta da **Futuro Económico e Social**.*

Se os desafios futuros da Europa podem, por um lado, parecer “assustadores”, por outro têm potencial “para tornar a humanidade mais capaz e mais feliz”, à semelhança daquele que é o propósito da APDSI sublinhado na nota inicial da professora Maria Helena Monteiro.

“Inquietações, dilemas, utopias e perspectivas sobre o futuro da Europa” tiveram lugar neste evento da Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação de reflexão estratégica sobre o futuro da SI no aprofundamento da era digital em que a Europa mergulha a passos largos e que vem na sequência da Conferência do Futuro da Europa.

Victor Ângelo, Ex-Secretário Geral Adjunto da ONU, começa por desafiar os presentes a refletirem sobre “o que queremos que a Europa seja em 2030?”. Portugal, segundo a sondagem que citou, não está muito informado nem a população demonstra grande entusiasmo sobre os processos de consulta da Conferência do Futuro da Europa. Um dado particularmente preocupante para Victor Ângelo que afirma que o apoio dos cidadãos é fundamental para a continuidade do projeto europeu. Franceses e italianos têm uma opinião desfavorável sobre a Europa, o que diz muito sobre os tempos que vivemos e antecipa alguns dos problemas que surgirão a breve trecho, desde logo do ponto de vista político.

A união dos países europeus é também muito importante para a proteção das diferentes economias europeias que podem ser ameaçadas por outras mais fortes e mais afoitas fora do espaço europeu. “Cada metrópole europeia será sempre um anão face à China, Rússia, Estados Unidos ou Índia e é preciso que haja um casamento entre os Estados-membros”, diz o Ex-Secretário Geral Adjunto da ONU.

É preciso pensar a Europa de forma positiva e ter uma visão de perspectiva focada naquilo que de bom a Europa tem e pode sempre ter melhor. A próxima década vai ser marcada por uma grande aceleração das mudanças na Ciência, Tecnologia, Inteligência Artificial, digitalização de economias e deslocalização da economia mundial para novas áreas geográficas. É certo que a pandemia também veio acelerar algumas mudanças que demorariam anos a ocorrer.

Tem de haver clareza nas ameaças que poderão advir do futuro, e que podem começar com quem virá a liderar a Europa nos próximos anos e que expectativas os cidadãos têm da Europa e da sua autonomia estratégica. O sistema financeiro da Europa devia ser reforçado e assente numa economia que adotasse como estratégias duas ou três áreas de produção própria.

Seguiu-se a intervenção de **Frederico Sousa Pimentel**, Secretário Geral da JEUNE (Organização de Jovens Empresários da União Europeia), que olha para a Europa como uma instituição demasiado burocrática, o que a torna difícil de acompanhar e menos atrativa para quem vem de zonas onde a burocracia é mais leve e os processos são mais ágeis.

É necessário, diz o Secretário Geral da JEUNE, fazer chegar a voz de jovens empreendedores a instituições da UE e alinhar os seus objetivos com o propósito de criação de uma Europa mais forte num mundo em constante mudança e que nos põe perante outros “competidores ou adversários”.

Eficiência energética e acesso a eletricidade verde, são apostas da JEUNE, principalmente com o foco em sociedades mais rurais e do interior do país.

Este é o ano do transporte ferroviário, o que também reforça o projeto da JEUNE intitulado “Business Rail”, onde se juntam empreendedores e empresários para, numa viagem, conhecerem diversas regiões e descobrirem oportunidades de negócio nesse business rail.

“A Europa tem de ser muito honesta consigo própria naquilo que quer para o futuro. Nós produzimos para vários países da Europa e isso prejudica a causa europeia na medida em que é dito que não é isso que se passa, mas é o que parece. Era mais fácil as instituições assumirem o que pretendem numa lógica de concorrência de futuro e de confronto com outras grandes potências. Era importante a Europa assumir-se como um *player global*”, conclui **Frederico Sousa Pimentel**.

À semelhança do que já tinha acontecido anteriormente neste modelo de workshop, os participantes nos grupos de trabalho, pertencentes a instituições públicas e à sociedade civil, contribuíram com sugestões nas sessões de trabalho que agora se resumem.

SALA 1 – FUTURO POLÍTICO E ESTRATÉGICO

Dinamizador: José Emílio Amaral Gomes (GFSI)

Foram sugeridos dois assuntos para dinamizar a discussão: O ciberespaço como espaço de rivalidade estratégica e o futuro do projeto Europeu face aos nacionalismos e fragmentações no seio da Europa

As diferentes intervenções deste grupo foram em dimensões como economia, tecnologia, política, social e cultura.

- Estando uma Europa Federada fora de questão também o modelo “one size fits all” não serve para Europa. Esta como um todo não é um espaço muito “democrático” pois um único país pode bloquear toda uma estratégia Europeia se a houver.
- No que concerne à economia, foi destacada a diferença de fiscalidade e competitividade que alguns países vêm posta em causa, face à possibilidade de se adotar uma causa comum. Que medida pode abrir portas a uma maior diversidade? Como adotar uma política europeia favorável à energia?
- Em termos sociais, a perspetiva de se criar um espaço europeu mais coeso foi uma questão também abordada e difícil de resolver que veio depois da pandemia e do problema das migrações. “Os diferentes países enfrentam problemas sociais que às vezes podem pôr em perigo a União Europeia como projeto, mas também lhe podem conferir uma nova força”. As pessoas com mais idade, que viveram no tempo da guerra, por exemplo, têm uma visão mais pessimista sobre o projeto europeu.

- A tecnologia também interfere no projeto de construção europeia. No ambiente do digital e da cibersegurança, como pode a EU adotar medidas que combatam os ciberataques? Como definir políticas energéticas adaptadas à atualidade?
- Um problema mais urgente tem a ver com liderança, ou mais concretamente, porque o grupo determinou que faltam lideranças fortes. Há descoordenação entre tecnocratas e cidadãos; as populações não estão motivadas para a construção do projeto europeu. Assim, o grupo conclui a necessidade de motivar cidadãos para um maior interesse para o projeto europeu; há a necessidade da UE ser assumida por mais cidadãos europeus.
- No âmbito da cultura, a história e os valores da União Europeia certamente estão mais enraizados nos jovens, muito por causa dos projetos de Erasmus. Foram referidos alguns grandes pensadores da EU que levam ao desejo atual de rever e reinventar este espaço europeu. É necessário ter atenção aos aliados da EU e os que podem prejudicar-nos devido a interesses económicos diferentes.
- Necessidade do envolvimento da cidadania e literacia democrática para uma maior participação cívica e democracia digital foram as referências finais do Grupo 1.

SALA 2 – FUTURO DA TECNOLOGIA E CIÊNCIA

Dinamizador: João Rodrigues (GFSI)

- Na sala 2 uma das primeiras reflexões foi da necessidade de construir na União Europeia um modelo de I&D baseado em redes de conhecimento com uma visão comum, envolvendo cientistas, investigadores e empresas.

O caso do projeto *New European Bauhaus* é um exemplo a seguir na construção dessa visão comum. Este projeto está a criar uma comunidade multidisciplinar interessada em construir espaços para viver bonitos e sustentáveis, com interseção da arte, cultura, inclusão social, ciência e tecnologia. A visão, como referiu Ursula Von der Leyen, é colocar a UE como líder da economia circular, na base de um projeto que não é apenas ambiental e económico, mas também cultural

- O grupo considerou, também, que a UE apesar de ter excelentes programas de I&D de Ciência e Tecnologia, revela algumas fragilidades que comprometem os seus resultados:
 - Muitos dos projetos de I&D não chegam a um produto ou a um serviço para colocação no mercado;
 - Existe uma carga burocrática associada a projetos de I&D que consome muitos recursos;
 - Muitas vezes falta o maior envolvimento de equipas de investigação multidisciplinares.
- O capital de risco e as start-ups muitas vezes ficam confinados aos países europeus e esses consórcios e empresas não têm capacidade para se lançar à escala europeia. Considera-se por isso a necessidade de criação de uma verdadeira UE de start-ups, suportadas numa rede de capital de risco.
- Os programas de inovação deverão, também, servir para ajudar a ultrapassar a fragmentação europeia em termos tecnológicos e garantir a soberania sobre os dados europeus. Um bom exemplo desta estratégia é o projeto GAIA-X – que visa o desenvolvimento de requisitos comuns para uma nova geração da infraestrutura de dados europeia, aberta, segura, federada, que obedeça aos mais altos padrões de soberania digital. O projeto baseia-se na criação de um ecossistema digital aberto para permitir às empresas europeias competirem globalmente. O ecossistema permitirá a soberania digital dos utilizadores de serviços de *cloud* e escalabilidade de fornecedores de serviços de *cloud* europeus. A interoperabilidade e portabilidade das aplicações e dos dados estará garantida
- Outro aspeto importante debatido teve a ver com as escolas do futuro e como ensinar a aprender/raciocinar/adquirir conhecimento e a aprendizagem ao longo da vida.
- Há muitos aspetos culturais e muitas diferenças a considerar no ambiente europeu e, por oposição, ao americano: existe ainda muita fragmentação à escala europeia, mas nos Estados Unidos existe o conceito de risco que acaba

por ser a génese para a inovação e lançamento rápido de ideias e projetos que ganham escala, algo que a fragmentação existente na EU não tem permitido.

- A importância da manutenção da autonomia estratégica da União Europeia foi amplamente referida a par das necessidades das infraestruturas críticas e ter capacidade de demonstrar a importância das questões da segurança e da formação das pessoas nesta área.
- A manutenção de um sistema de qualidade também deveria ser acautelada no futuro; democracia e meritocracia são aspetos que deverão ser conciliados; a Europa não deve abdicar da sua esfera de liberdades. Verifica-se uma grande diversidade cultural na Europa, mas as tecnologias podem ajudar a ultrapassar as barreiras culturais.
- A digitalização feita nos serviços da função pública não tem em conta a alteração de processos de trabalho, algo que deveria ser explorado.
- Excessiva regulamentação e carga burocrática no financiamento e desenvolvimento da Europa, também podem levar a um atraso.

SALA 3 – FUTURO ECONÓMICO E SOCIAL

Dinamizador: Luis Vidigal (GFSI)

- No grupo 3 concluiu-se que os relacionamentos e o posicionamento regulamentar da Europa afetam todo o mundo, por isso, a Europa continua a produzir muita regulação com grande impacto no social e económico.
- Há um problema de envelhecimento na Europa, acompanhado de uma reindustrialização com o uso crescente da robótica. Com essa libertação de ativos, o empreendedorismo ganha uma nova importância e abrem-se novas oportunidades nas áreas da economia do lazer.
- Na Europa, faz-se muita regulamentação económica, social e tecnológica, num continente que está a perder a capacidade de inovar e produzir, face aos principais blocos concorrentes.

- O Estado Social é posto em causa com o envelhecimento da Europa, o que também nos coloca novos desafios relacionados com a emigração e a necessidade da Europa atuar no desenvolvimento dos países de origem, nomeadamente em África e na América Latina, dando prioridade ao desenvolvimento da atividade económica e geração de rendimento, rompendo um ciclo extrativo de subdesenvolvimento naquelas regiões.
- Haverá, no futuro, medidas de política social que se vão impor, como um novo urbanismo e reorganização do território, de forma mais coesa e inclusiva.
- Temos uma fiscalidade e uma segurança social baseada em paradigmas e pressupostos do século XIX, incapazes de responder aos desafios da automação e quebra demográfica do século XXI.
- Se houver formalmente uma semana de menos de cinco dias de trabalho, vai levantar-se uma questão fulcral: o financiamento do estado social. Podem os robôs pagar impostos? Poderá ser a segurança social ser cada vez mais parte integrante dos orçamentos do estado?
- As políticas que convergem para o social, complexidade da economia, do social e dos rendimentos, deverão continuar a verificar-se na Europa, notou o grupo 3.
- A Europa pode atingir nova posição na economia mundial. A política monetária europeia enfrenta novas tendências e poderá ter que mudar radicalmente. Vai ser chamada a responder a esta clivagem industrial e social que está a acontecer debaixo da política monetária.
- Será que mecanismos como o rendimento universal ou outros instrumentos vão alterar os equilíbrios que temos hoje por garantidos na Europa?

RESULTADO DO INQUÉRITO SOBRE “O QUE MAIS ME PREOCUPA NO FUTURO DA EUROPA”

| Hierarquia de Preocupações dos participantes no Workshop | Média Ponderada (escala de 1 a 10) |
|--|------------------------------------|
| 1º Defesa da Democracia | 7,31 |
| 2º Transição Digital | 6,91 |
| 3º Posicionamento geoestratégico | 6,06 |
| 4º Inclusão Social | 5,60 |
| 5º Segurança e Defesa | 5,60 |
| 6º Transição Climática | 5,51 |
| 7º Soberania Digital | 5,37 |
| 8º Integração / Fragmentação | 4,89 |
| 9º Empreendedorismo | 3,89 |
| 10º Migrações | 3,86 |

SOBRE A APDSI

Criada em 2001, a Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação (APDSI) tem por objetivo a promoção e desenvolvimento da transformação e inclusão digital em Portugal, reunindo com este interesse comum profissionais, académicos, empresas, organismos públicos e cidadãos em geral.

Na linha destes propósitos a APDSI tem vindo a desenvolver diversas atividades em torno de causas tecnológicas e societais, que se traduzem num conjunto de eventos, recomendações e estudos realizados por grupos de trabalho multidisciplinares em diversas áreas de intervenção, como a Segurança, os Serviços Públicos Digitais, a Saúde, a Cidadania e Inovação Social, o Território Inteligente, a Governação das TIC, a Inteligência Digital, a Política Digital e Governança, os Futuros da Sociedade da Informação e as Competências digitais.

Em todos estes trabalhos a APDSI procura identificar as tendências de evolução e também as interações entre as tecnologias e outras dimensões sociais e económicas, contribuindo com uma visão mais aberta para a discussão e tendo como meta a eficaz perceção e implementação destes conceitos na Sociedade Portuguesa. A APDSI tem o Estatuto de Utilidade Pública e foi em 2008 reconhecida como ONGD.

ASSOCIE-SE

URL | www.apdsi.pt

email | secretariado@apdsi.pt

APDSI

ASSOCIAÇÃO
PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO



Associação de Utilidade Pública
ONG – Organização Não Governamental

Rua Alexandre Cabral, 2C – Loja A
1600-803 Lisboa – Portugal
URL: www.apdsi.pt

Tel.: (+351) 217 510 762
Fax: (+351) 217 570 516
E-mail: secretariado@apdsi.pt

Colaboração:



Patrocinadores Globais da APDSI







